

EMBAIXADOR DE PORTUGAL NA ALEMANHA DIZ QUE O ACORDO DE COLIGAÇÃO CDU/SPD É UMA BOA NOTÍCIA PARA PORTUGAL

“É preciso dar confiança à Volkswagen para continuar a investir em Palmela”

O conflito laboral entre a Administração da Autoeuropa e os trabalhadores da fábrica automóvel de Palmela, relacionado com os novos horários de trabalho impostos pela empresa alemã para o arranque da montagem das 240 mil unidades dos novos veículos T-Roc previstos para 2018, deve dar origem a um acordo, defende o embaixador de Portugal na Alemanha.

Em entrevista à “Vida Económica” em Berlim, à margem de uma visita à feira Fruit Logistica e no dia em que foi anunciado o acordo entre Angela Merkel (CDU) e Martin Schulz (SPD) para a formação de uma grande coligação na Alemanha, João Mira Gomes foi muito claro: apesar de os conflitos laborais não serem “um exclusivo dos países do Sul, porque também se fazem greves na Alemanha”, é preciso um acordo na Autoeuropa. Mais, é preciso “dar confiança à Volkswagen para continuar a investir em Palmela”.

TERESA SILVEIRA, EM BERLIM
teresasilveira@vidaeconomica.pt

Vida Económica – Foi hoje [07 de fevereiro] anunciado um acordo entre Angela Merkel (CDU) e Martin Schulz (SPD) para a formação de uma grande coligação na Alemanha. O que é que isto representa para a Alemanha, para a Europa e para Portugal?

João Mira Gomes – Obviamente que haver um novo governo para a Alemanha é uma boa notícia, desde logo porque os alemães não estavam habituados a um período de negociações tão longo para a formação de um governo. Também é uma boa notícia para a Europa, porque um dos capítulos importantes desse acordo de governo é o capítulo sobre a União Europeia. E, por aquilo que pudemos observar até agora, é um capítulo com ambição, em relação aos grandes desafios que se colocam à Europa.

VE – E para Portugal, o que representa este acordo de governo na Alemanha? É uma boa notícia?

JMG – É uma notícia boa para Portugal, porque é um acordo de grande coligação, ou seja, há um elemento de continuidade em relação ao anterior governo, que conhece bem Portugal, com quem nós já temos bons contactos. E havia um excelente relacionamento entre o Governo português e o anterior Governo alemão e que se manterá, cer-



João Mira Gomes, embaixador de Portugal em Berlim.

tamente, ou, eventualmente, até será reforçado com esta nova coligação. São boas notícias para toda a gente.

VE – Mas também há muitos desafios pela frente.

JMG – Pois há. E um dos desafios que se colocam a este novo Governo é recuperar o apoio do eleitorado. De acordo

com as últimas sondagens, se hoje houvesse eleições, estes dois partidos já não tinham maioria absoluta no ‘Bundestag’ [Parlamento]. A Alemanha continua a confrontar-se com um fenómeno político que é novo, que é a subida da extrema-direita, através do Partido da Alternativa para a Alemanha, que pela primeira vez entrou para o Parlamento

“Gostaria que houvesse um acordo para a Autoeuropa tão cedo quanto possível”

O diferendo laboral entre a Administração da Autoeuropa e os trabalhadores da fábrica automóvel de Palmela, relacionado com os novos horários de trabalho impostos pela empresa alemã para o início da montagem das 240 mil unidades dos novos veículos T-Roc previstos para 2018, tem vindo a pôr à prova a paciência dos alemães. E há quem questione o reforço do investimento da Volkswagen em Portugal para a produção do modelo T-Roc e, até, a permanência daquela unidade industrial no nosso país.

Questionado pela “Vida Económica” sobre como olha para os conflitos laborais na Autoeuropa, João Mira Gomes desvaloriza. “Eu não tenho elementos sobre aquilo que

se está a passar na Autoeuropa, a não ser aquilo que vem na imprensa”, adverte o embaixador. Realça, contudo, que, “em 2017, Portugal foi um dos países da União Europeia que teve menos dias de greve e, neste momento, na Alemanha está a haver uma greve envolvendo o principal sindicato metalúrgico alemão”, que provocou uma paralisação. E “estão a negociar novas condições de trabalho e, possivelmente, uma das reivindicações é passarem, em determinadas circunstâncias, para uma semana de 28 horas de trabalho semanal”. Ora, isto, na opinião de Mira Gomes, quer dizer que “os conflitos laborais não são um exclusivo dos países do

“Obviamente que a Autoeuropa tem um peso muito grande nas exportações portuguesas e um peso muito grande no PIB português”

que tem vindo a subir gradualmente nas sondagens. Esses desafios não são exclusivos da Alemanha, são partilhados por outros países. Vamos ver como vai ser este novo mandato.

VE – Com a Alemanha a ganhar uma nova relevância na Europa – que sempre teve, aliás, mas que estava um pouco hesitante fruto desta indefinição política – e com a França num processo de forte afirmação pró-europeísta, crê que a UE tem agora capacidade para se afirmar no panorama internacional e até nas relações com os Estados Unidos?

JMG – Esse é o percurso que a Europa tem vindo a fazer, em várias áreas, embora a Europa tenha levado um grande choque o ano passado quando, contra todas as expectativas, o ‘Brexit’ ganhou e estamos agora num processo de negociação da saída do Reino Unido da União Europeia [ver caixa].

VE – Voltando à Alemanha. Já disse que este acordo de governo entre a CDU e o SPD é uma boa notícia. Como olha para a evolução do investimento alemão em Portugal e o investimento e internacionalização das empresas portuguesas para a Alemanha?

JMG – O investimento alemão em Portugal tem crescido. A Alemanha é o sétimo maior investidor estrangeiro em Portugal. Mas este é, sobretudo, um investimento que tem uma particularidade: é um investimento tecnológico, que cria emprego e traz valor acrescentado para Portugal.

VE – Como é o caso da Autoeuropa?

JMG – Não só como a Autoeuropa. É um investimento muito produtivo também por parte de outras companhias alemãs que estão a investir em Portugal.

Sul, porque também se fazem greves na Alemanha”. Concorde, aliás, que o nível de reivindicações “muito diferente na Alemanha” relativamente a Portugal. Agora, “obviamente que a Autoeuropa tem um peso muito grande nas exportações portuguesas, tem um peso muito grande no PIB português”, pelo que, enquanto embaixador de Portugal na Alemanha, “gostaria que houvesse um acordo para a Autoeuropa tão cedo quanto possível”. Aliás, mais do que um acordo, João Mira Gomes gostaria é que esse fosse “um acordo que preservasse não só os postos de trabalho e as condições de trabalho mas, também, que desse confiança à Volkswagen para continuar a investir em Palmela”.

“Brexit”: “uma equação em que ninguém ganha”

A “Vida Económica” perguntou a João Mira Gomes sobre se acredita que o ‘Brexit’ é irreversível ou se poderá haver ainda um passo atrás, mas o embaixador em Berlim está cético. “Acredito que houve uma tomada de posição por uma maioria dos eleitores britânicos que votaram a favor do ‘Brexit’ e que houve um processo negociado no final do qual tem de haver um processo de votação no parlamento britânico. Portanto, vamos ver o que é que o parlamento britânico vai decidir”, refere o diplomata. É certo que pode haver um segundo referendo, “mas a situação está ainda bastante complicada, porque até agora ainda

não percebemos que tipo de relação o Reino Unido quer ter com a União Europeia no futuro. E sem percebermos qual é esse tipo de relação é muito difícil ver qual é o valor do acordo que vai ser vendido no final aos eleitores britânicos”. “O meu desejo pessoal era que não houvesse um ‘Brexit’, mas isso sou eu a pensar por mim próprio e outra coisa é a dinâmica política do Reino Unido”, refere o embaixador. E, assim sendo, “o que nós temos de fazer é prepararmo-nos para aquilo que foi a decisão dos eleitores ingleses – o ‘Brexit’ – e, dentro desse quadro, tentar reconstruir uma relação que seja o mais

próxima possível entre a União Europeia e o Reino Unido”. Mas, como diz, “precisamos de saber o que é o Reino Unido quer para essa relação futura, coisa que ainda não percebemos até hoje”. Perguntado sobre quem sai mais a perder com o ‘Brexit’, em termos políticos, mas, sobretudo, económicos, se a União Europeia ou o Reino Unido, João Mira Gomes nem hesita: “perdemos todos”. Esta é “uma equação em que ninguém ganha”, garante, embora assuma que, “possivelmente, o Reino Unido terá um impacto maior com a saída da União Europeia do que a União Europeia com a saída do Reino Unido”.

A Siemens está agora com um grande investimento na área da cibersegurança, em Alfragide, onde estão instalados, a cooperação entre a Universidade do Minho e a Bosch continua a desenvolver-se, com novos investimentos da Bosch, a Continental também está a investir em Portugal, a Mercedes Benz abriu o seu ‘Digital Delivery Hub’ em Lisboa e com isso reforçou a sua presença. Portanto, há uma série de boas notícias que vêm da Alemanha.

Por outro lado, a Alemanha é também um dos principais mercados para as exportações portuguesas. Nós estamos

aqui nesta grande feira de frutas, legumes e flores e quando falamos com os exportadores portugueses – e ainda há pouco passámos nos da pera rocha e tivemos essa notícia – há algo que é transversal. Eu visito muitas feiras na Alemanha e todos os exportadores portugueses me dizem que as exportações estão a crescer. O ano 2017 foi melhor que o de 2016 e prevêem que 2018 seja melhor que 2017. Isto para lhe dizer que ter a Alemanha com um governo estável e com crescimento económico são boas notícias para Portugal. O nosso grande desafio é que a Alemanha conheça me-

lhor aquilo que é o potencial de Portugal. E é isso que nós tentamos fazer aqui todos os dias, que é vender Portugal na Alemanha, este Portugal tecnológico, moderno, inovador, com quadros muito qualificados. É essa a imagem de marca de Portugal que promovemos aqui na Alemanha.

VE – E a Alemanha tem verdadeira noção de todas estas características do mercado português?

JMG – Tem. Começa a ter cada vez mais. Ainda há trabalho para fazer, mas tem essa noção cada vez mais, também

“Temos de definir a nossa ambição para a União Europeia”

A “Vida Económica” questionou João Mira Gomes sobre os desafios da Europa e sobre se acredita que, com esta grande coligação na Alemanha e sabendo-se das posições de Emmanuel Macron em França, caminharemos para a criação de um orçamento europeu. O embaixador português alerta que “vamos entrar agora num debate sobre o próximo quadro financeiro plurianual da União Europeia”, mas que “esse não é o único desafio que temos. Acho que as intervenções públicas que o primeiro-ministro português tem tido recentemente são muito interessantes, porque calibram muito bem aquilo que deve ser a ambição europeia e a oportunidade que temos neste momento. E que, no fundo, fazem um pouco a ponte entre aquilo que é a posição do senhor Macron e a posição da chanceler Merkel”. Mas então e essas opiniões que Portugal tem vindo a expressar através do primeiro-ministro apontam para quê?, perguntámos. O embaixador lembra que “temos um cenário que é a redução das contribuições para o orçamento da União Europeia devido à saída do Reino Unido. Portanto, vamos ter, em teoria, menos dinheiro disponível. E temos duas opções perante isso: uma opção é recebermos menos dinheiro; outra opção é encontrarmos fontes alternativas de financiamento, com os países a estarem dispostos a aumentarem a sua contribuição para o orçamento da União Europeia. E nós temos de fazer esta reflexão saindo um pouco daquele quadro mental dos países contribuintes líquidos e países beneficiários líquidos. Todos somos beneficiários da União Europeia e todos contribuímos para a União Europeia. Temos de definir o que é a nossa ambição para a União Europeia e, em função dessa ambição, ver qual é o quadro financeiro que apoia essa ambição”.

Mário Centeno: “um construtor de compromissos”

Para além disso, “nós também dizemos que, dentro da zona euro, devia haver uma capacidade orçamental própria para aumentar a competitividade dos países e atrair os países que estão fora para dentro dessa zona euro”. Assim sendo, frisa João Mira Gomes, “há aqui três pilares fundamentais: nós queremos que continue a haver coesão na Europa, queremos que haja mais competitividade na Europa para que haja mais convergência entre os países europeus. Se houver mais convergência entre os países europeus, certamente no futuro nós estaremos aptos para fazer face aos choques, simétricos ou globais, com os quais a União Europeia será confrontada. Portanto, é esta equação que temos à nossa frente”. Defendendo que “os contributos do senhor Macron são importantes e temos de os ponderar”, o embaixador em Berlim lembra que “a Alemanha também já deu sinais de que estaria disposta a ir ao encontro das propostas do senhor Macron”, pelo que, “se calhar, se o senhor Macron se sentar com a senhora Merkel e olharem para aquilo que o primeiro-ministro António Costa tem vindo a dizer, encontram bons pontos de convergência”.

e que nenhum de nós, a 27, e, nalguns casos, até com o Reino Unido dissemos que queríamos fazer mais, como é o caso da defesa europeia, com a constituição de um fundo específico de apoio às indústrias de defesa. Ou como é caso da segurança interna, no caso do apoio às migrações ou, ainda, no caso da proteção civil que, para nós, Portugal, também é muito relevante. Ou quanto à aposta na inovação, nos jovens e nas qualificações”. Portanto, para o embaixador, “se nós queremos fazer tudo isto, temos de encontrar os recursos adequados”.

Mário Centeno: “um construtor de compromissos”

Questionado sobre se vamos ter mesmo orçamento europeu, Mira Gomes começa por dizer que “vamos ter um novo quadro financeiro plurianual”, porque, “sem isso, a União Europeia não funciona”. Agora, se vamos ter um orçamento para a zona euro, “ainda não sabemos quais são os contornos, porque ainda não chegámos lá. Há países que ainda dizem que não apoiam esta solução, que é ter um orçamento separado para a zona euro, que é o que nós defendemos, mas ainda não chegámos aí. O que acho é que vamos chegar a uma situação em que os países vão ser confrontados com aquela minha questão, que é saber qual é o nosso nível de ambição para a União Europeia”, avisa o embaixador. Alerta, portanto, que, “se quisermos ter um nível de ambição mais elevado, se calhar temos de pensar em ter um orçamento próprio para a zona euro e ter mais mecanismos de garantia e de apoio ao próprio euro que não temos atualmente”. E que papel é que pode desempenhar aqui



Questionado sobre se vamos ter mesmo orçamento europeu, Mira Gomes começa por dizer que “vamos ter um novo quadro financeiro plurianual”, porque, “sem isso, a União Europeia não funciona”. Agora, se vamos ter um orçamento para a zona euro, “ainda não sabemos quais são os contornos, porque ainda não chegámos lá. Há países que ainda dizem que não apoiam esta solução, que é ter um orçamento separado para a zona euro, que é o que nós defendemos, mas ainda não chegámos aí. O que acho é que vamos chegar a uma situação em que os países vão ser confrontados com aquela minha questão, que é saber qual é o nosso nível de ambição para a União Europeia”, avisa o embaixador. Alerta, portanto, que, “se quisermos ter um nível de ambição mais elevado, se calhar temos de pensar em ter um orçamento próprio para a zona euro e ter mais mecanismos de garantia e de apoio ao próprio euro que não temos atualmente”. E que papel é que pode desempenhar aqui

o novo presidente do Eurogrupo, o português Mário Centeno?, perguntámos. João Mira Gomes não tem dúvidas: “o presidente do Eurogrupo é um ‘primus inter pares’. Mas é também uma pessoa que, pelas suas qualidades pessoais e pela sua competência profissional, pode desempenhar este papel de construtor de compromissos entre várias posições dentro do Eurogrupo”. O embaixador considera “muito interessante” ter sido escolhido para presidente do Eurogrupo “um ministro das Finanças de um país do Sul e ser do país que é Portugal”, considerando que ele “tem boas características e boas capacidades para tentar, dentro do Eurogrupo, uma posição comum nessas matérias que estão a ser debatidas, como a união bancária, que é fundamental, também haver uma maior harmonização fiscal e das políticas económicas” que estão em cima da mesa. Esta é, pois, também, “uma janela de oportunidade, até ao princípio de 2019 e até às eleições para o Parlamento Europeu, para tentar avançar” nesse sentido.

“Acho muito interessante ter sido escolhido um ministro das Finanças de um país do Sul [para liderar o Eurogrupo] e ser do país que é Portugal. Ele tem boas características e boas capacidades”

porque é cada vez maior o número de turistas alemães que visitam Portugal e todos voltam com o desejo de regressar a Portugal e também à procura de encontrarem produtos portugueses na Alemanha. Isso é muito interessante. Mas há ainda mais um indicador, que é um sinal de confiança no futuro: em várias universidades portuguesas a nacionalidade com mais alunos estrangeiros é a alemã. Se for ao curso de Gestão ou às pós-graduações da [Universidade] Nova, são os alemães que estão em maior número. Se for à [Universidade] Católica, também são os alemães em maior número. E são pessoas que voltam para a Alemanha deixando sempre marca em Portugal. E levam boas recordações do que aprenderam em Portugal.